

---

---

## Sumário

---

---

<i>Prefácio</i> .....	15
<i>Agradecimentos</i> .....	19
<i>Introdução</i> .....	23

### **PROLEGÔMENOS**

1. O pensamento puritano sobre a teologia natural e a teologia sobrenatural .....	35
2. Hermenêutica e exegese puritanas .....	57
3. O erudito doutor William Ames e <i>The marrow of theology</i> [O âmago da teologia] .....	77

### **TEOLOGIA PROPRIAMENTE DITA**

4. Stephen Charnock e os atributos de Deus .....	101
5. Os puritanos e a Trindade .....	139
6. John Owen e a comunhão com o Deus triúno .....	163
7. William Perkins e a predestinação .....	185
8. Thomas Goodwin e Johannes Maccovius e a justificação desde a eternidade.....	207
9. O supralapsarismo cristológico de Thomas Goodwin .....	231
10. Os puritanos e a providência .....	247
11. Os puritanos e os anjos.....	273
12. Os puritanos e os demônios .....	289

### **ANTROPOLOGIA E TEOLOGIA DA ALIANÇA**

13. Os puritanos e a pecaminosidade do pecado .....	307
14. Os puritanos e a aliança das obras.....	327
15. Os puritanos e a aliança da redenção.....	355
16. Os puritanos e a aliança da graça .....	385

17. Os puritanos e a antiga e a nova alianças: um Moisés gracioso? ..... 413  
 18. A posição minoritária: John Owen e o Sinai ..... 431  
 19. Os puritanos e as condições da aliança ..... 447

### **CRISTOLOGIA**

20. Os puritanos e a lei e o evangelho ..... 469  
 21. Cristologia puritana ..... 487  
 22. Os puritanos e os ofícios e estados de Cristo ..... 503  
 23. O sangue de Cristo na piedade puritana ..... 519  
 24. Anthony Burgess e a intercessão de Cristo por nós ..... 537  
 25. Thomas Goodwin e o amoroso coração de Cristo..... 559  
 26. Os puritanos e a compreensão e o uso das promessas de Deus..... 577

### **SOTERIOLOGIA**

27. Os puritanos e o Espírito Santo..... 603  
 28. Os puritanos e a graça preparatória ..... 635  
 29. Os puritanos e a regeneração..... 663  
 30. Os puritanos e a união com Cristo, a justificação e a regeneração.... 689  
 31. John Owen e a justificação pela fé somente ..... 701  
 32. Os puritanos e a vinda a Cristo..... 723  
 33. Os puritanos e o viver em Cristo..... 749  
 34. Os puritanos e a adoção..... 765  
 35. Os puritanos e o terceiro uso da Lei..... 791  
 36. Richard Sibbes e o acolhimento do Espírito Santo..... 815  
 37. William Perkins e sua maior questão de consciência..... 833  
 38. Os puritanos e a perseverança dos santos..... 853

### **ECLESIOLOGIA**

39. Os puritanos e o governo da igreja..... 879  
 40. Os puritanos e os ofícios na igreja ..... 907  
 41. John Owen e o sábado e a adoração/o culto cristãos ..... 923  
 42. A pregação puritana (1) ..... 963  
 43. A pregação puritana (2) ..... 987  
 44. A pregação de John Bunyan ao coração ..... 1005  
 45. Os puritanos e o batismo infantil..... 1025  
 46. Os puritanos e a ceia do Senhor ..... 1049  
 47. Orações puritanas por missões mundiais..... 1073

### **ESCATOLOGIA**

48. “A cidade situada sobre um monte”: a ideia otimista dos puritanos da América do Norte sobre o fim dos tempos ..... 1089

49. Thomas Manton e o julgamento segundo as obras.....	1113
50. Como a história molda o historicista: a interpretação de Apocalipse de Thomas Goodwin .....	1135
51. Christopher Love e as glórias do céu e os pavores do inferno .....	1157

### **TEOLOGIA NA PRÁTICA**

52. Teologia puritana moldada por uma mentalidade peregrina.....	1191
53. Os puritanos e a vida piedosa no lar .....	1215
54. Matthew Henry e um método prático de oração diária .....	1241
55. A prática puritana da meditação .....	1257
56. Os puritanos e a consciência .....	1283
57. Casuística puritana .....	1309
58. O zelo sacrificial puritano .....	1337
59. Lições práticas da teologia puritana para hoje .....	1357

### **POSFÁCIO**

60. Uma palavra final .....	1375
-----------------------------	------

<i>Bibliografia</i> .....	1381
---------------------------	------

<i>Índice</i> .....	1463
---------------------	------



---

---

## Prefácio

---

---

As mil e tantas páginas e mais de meio milhão de palavras que você tem em mãos agora constituem a maior e mais abrangente exposição feita até hoje da teologia dos puritanos ingleses. É uma façanha notável, fruto de muitas décadas de leitura, pesquisa e reflexão por seus autores.

O doutor Joel R. Beeke e o doutor Mark Jones são ambos especialistas em teologia puritana, tendo publicado inúmeros textos sobre o assunto. Aqui uniram suas respectivas bagagens para produzir uma obra com exposição e análise de tanta envergadura que, com certeza, levará muitos anos até que se tente algo semelhante de novo.

Nesta obra há algo para todos. *Teologia puritana* é uma verdadeira obra biográfica sobre os principais pensadores da era puritana. Aqui o leitor do século 21 pode se imaginar voltando às cidades de Londres, Cambridge e Oxford do século 17 para estar em contato com uma das mais surpreendentes irmandades espirituais da história do cristianismo de fala inglesa. Encontramos William Perkins, cuja pregação causou um impacto tão grande na cidade e na universidade de Cambridge que quando, dez anos depois da morte de Perkins, Thomas Goodwin, ainda jovem, se matriculou na universidade, “a cidade ainda estava tomada pela pregação [de Perkins]”. E isso é apenas o início, pois logo encontramos os dois gigantes do congregacionalismo, Thomas Goodwin e John Owen, bem como o mestre da exposição da lei de Deus, Anthony Burgess; o expositor textual sistemático e capelão do rei, Thomas Manton; o “doce encorajador”, Richard Sibbes; o homem imerso em Deus, Stephen Charnock; o comentarista Matthew Henry; e muitos outros. Quando voltamos ao mundo da igreja do século 21, é impossível deixar de sentir que naqueles dias havia gigantes na terra.

São demasiados os aspectos de destaque neste livro para relacioná-los adequadamente. A vasta gama da teologia abrangida — cada tópico do saber teológico é abordado — é de tirar o fôlego. A atenção dedicada a alguns dos mais importantes pensadores, pregadores e escritores (homens que em nível

surpreendente eram as três coisas ao mesmo tempo) deixa marcas profundas. Mas neste amplo contexto, certos destaques estão destinados a causar impacto até mesmo no leitor apressado destes sessenta capítulos.

O primeiro é a profundidade com que esses homens — que passaram a maior parte da vida no ministério pastoral — estudavam e conheciam as Escrituras. Com frequência, fica a sensação de passagens e textos estarem sendo expostos contra a luz tal como um diamante recém cortado que é virado lentamente a fim de que cada faceta reflita a luz. Eram teólogos bíblicos nos dois sentidos do termo: tanto no sentido de que extraíam sua teologia da Bíblia quanto no sentido mais moderno de compreender e estar interessados em expor o fluxo unificado da história da salvação, vendo cada um de seus elementos em seu devido lugar na história. Para muitos que nunca leram os puritanos detalhadamente, pode parecer incompreensível a afirmação recente de um estudioso de que como teólogo bíblico, John Owen está no mesmo nível (se não superior!) de Geerhardus Vos;<sup>1</sup> mas quem leu detalhadamente as obras desses homens jamais pensaria neles como meros “catadores de textos-prova” interessados apenas numa declaração aqui e numa expressão ali. Seu entendimento de que as Escrituras estão basicamente interconectadas é de fato impressionante. Por esse motivo, neste livro a análise da teologia da aliança ocupa cerca de cem páginas.

Em segundo lugar, no entanto, embora fossem biblistas no melhor sentido da palavra (afinal, acreditavam que as Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos são a Palavra de Deus), também tinham profunda consciência de que foram chamados a compreender junto “com todos os santos” a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Deus (Ef 3.18). Assim, embora com frequência se pensasse neles como apenas “calvinistas”, eles mesmos tinham profunda consciência de que pertenciam a uma tradição mais antiga e mais ampla do que apenas aquela de Genebra. Aliás, um exemplo disso é que é bem mais provável encontrá-los citando Agostinho do que Calvino. Tinham consciência, assim como Bernard de Chartres, de que eram “anões sentados nos ombros de gigantes para que pudessem enxergar mais longe do que estes”.<sup>2</sup>

Além disso, fica claro, no entanto, que a “irmandade puritana” era formada por homens que pensavam de forma teológica, profunda e com devoção à oração. Ler suas obras — seja sobre a Trindade, sobre a pessoa de Cristo ou sobre a santidade do cristão — é entrar numa atmosfera diferente e mais

<sup>1</sup>Veja Richard Barcellos, *The family tree of Reformed biblical theology* (Palmdale: Reformed Baptist Academic Press, 2010).

<sup>2</sup>John of Salisbury, *The metalogicon of John of Salisbury: a twelfth-century defense of the verbal and logical arts of the trivium*, tradução para o inglês, introdução e notas de Daniel E. McGarry (Berkeley: University of California Press, 1955), p. 167.

rarefeita do que aquela a que, em geral, estamos acostumados. Quando, por exemplo, descobrimos que a origem de *On the mortification of sin*,<sup>3</sup> um dos mais famosos estudos de John Owen, são sermões pregados a uma congregação formada em grande parte por jovens estudantes da Universidade de Oxford, com menos de vinte anos de idade, é provável que fiquemos pasmos. Mas então, ao considerarmos o assunto, começamos a entender que Owen e seus companheiros agiram corretamente: deve-se ensinar aos crentes em Cristo sobre como lidar com o pecado *antes de* sermos engolidos pelo pecado em virtude de nossa ingenuidade acerca da nossa própria força espiritual e de nossa ignorância por falta de ensino bíblico.

Estas páginas não estão repletas de complexidades e obscuridades, tampouco são leitura fácil. Somos lembrados, mais uma vez, de algumas palavras do jovem John Owen (um tanto ferino aos trinta anos de idade) quando introduz sua obra *The death of death in the death of Christ* [A morte da morte na morte de Cristo] com alguns comentários para o leitor:

Se pretendes ir além, suplico-te que permaneças um pouco aqui. Se és, como muitos desta era dissimulada, *um admirador de títulos acadêmicos*, e vens aos livros como Cato vai ao teatro, para logo ir de novo embora — tiveste tua diversão; adeus!<sup>4</sup>

Contudo, se você partilha do interesse dos puritanos em pensar biblicamente a fim de viver para a glória de Deus, estas páginas se revelarão uma mina de ouro e um exemplo daquilo que Paulo chamou de “pleno conhecimento da verdade, que leva à [i.e., está de conformidade com a] piedade” (Tt 1.1).

Aqui há, então, um raro achado: um tesouro de riqueza teológica, intelectual, espiritual e prática. Tornamo-nos devedores ao doutor Beeke e ao doutor Jones, e somos gratos por isso. De maneira que, visto que no fundo os puritanos se consideravam seguidores de Agostinho, tudo que resta a ser dito pode ser expresso nas palavras que levaram à grande mudança na vida dele: *Tolle lege* — apanhe o livro e leia-o!

SINCLAIR B. FERGUSON  
First Presbyterian Church  
Columbia, South Carolina, EUA

<sup>3</sup>Esse estudo pode ser encontrado em William H. Goold, org., *The works of John Owen* (Edinburgh: Johnstone and Johnstone, 1850-1853), 6:1-86 [edição em português: *A mortificação do pecado*, tradução de Gordon Chown (São Paulo: Vida, 2005)].

<sup>4</sup>In: William H. Goold, org., *The works of John Owen* (Edinburgh: Johnstone and Johnstone, 1850-1853), 10:149.









## Capítulo 1

---

---

# O pensamento puritano sobre a teologia natural e a teologia sobrenatural

---

---

*Naquele tempo, Jesus exclamou: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e eruditos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim o quiseste. Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.*

Mateus 11.25-27

O conceito de revelação natural e sobrenatural não aparece entre os temas principais nos escritos dos puritanos, mas também não foi algo que ignoraram.<sup>1</sup> Várias obras notáveis foram escritas sobre a natureza da revelação, tratando dos conceitos de teologia natural e revelação sobrenatural. Uma premissa básica do pensamento reformado em geral e daqueles puritanos que se identificavam como teólogos reformados em particular era a ideia de que não é possível nenhum conhecimento de Deus a menos que proceda dele. Ele é a fonte de todo conhecimento e, em particular, do conhecimento dele. O conhecimento de Deus só é possível em virtude da autorrevelação de Deus.

Para os puritanos, a teologia natural estava intimamente ligada à criação de Adão à imagem de Deus, e, por isso, ele foi abençoado com uma teologia natural (*theologia naturalis*), ou conhecimento de Deus tanto inato quanto

<sup>1</sup>Veja o artigo de J. V. Fesko; Guy M. Richard, “Natural theology and the Westminster Confession of Faith”, in: J. Ligon Duncan, org., *The Westminster Confession into the 21st century: essays in remembrance of the 350th anniversary of the Westminster Assembly* (Fearn, Escócia: Mentor, 2003), 3:223-66.

adquirido nas obras das mãos de Deus ao seu redor. Os teólogos puritanos debateram entre si se todo conhecimento de Deus antes da Queda do homem era natural ou sobrenatural, mas todos concordavam que Adão possuía uma teologia natural. Depois da Queda, a teologia natural não cessou, mas por causa do pecado o homem é incapaz de conhecer devidamente a Deus. Protestantes ortodoxos chegaram inclusive a defender uma teologia natural dos regenerados (*theologia naturalis regenitorum*) que era útil no contexto de uma vida regenerada, mas a teologia natural desempenhou um papel decididamente subserviente à teologia sobrenatural (*theologia supernaturalis*) no contexto da redenção.

Para os teólogos puritanos reformados, a teologia sobrenatural tinha em vista a revelação de Deus, que não se limita às Escrituras, mas certamente as inclui como a Palavra escrita de Deus, em particular na era pós-apostólica, quando cessou toda revelação especial. Os puritanos sustentavam que apenas mediante Cristo, por meio do Espírito Santo, é que, no que diz respeito a Deus, alguém pode chegar ao conhecimento que é suficiente para a salvação — daí o conceito de conhecimento duplo de Deus (*duplex cognitio Dei*). A teologia natural é suficiente para deixar os seres humanos sem desculpas (Rm 1.18-21), mas não pode salvá-los, pois o conhecimento salvador é encontrado somente em Cristo. O conhecimento que o próprio Cristo tem de Deus o habilita a revelar Deus; assim, a revelação sobrenatural tem um foco cristocêntrico explícito. Mas, conforme assinalado por John Owen (1616-1683), o Espírito Santo proporciona o testemunho que capacita os crentes a reconhecer e receber as Escrituras como Palavra de Deus. Apesar da natureza autoautenticadora da Palavra de Deus, sem o Espírito Santo ela é incapaz de levar seres humanos pecadores à fé e à salvação. Com essa ênfase em Cristo e no Espírito, teólogos puritanos como Owen abraçaram uma sólida teologia trinitária da revelação.

Por fim, a revelação de Deus por meio de Cristo aconteceu no contexto da aliança com Deus. O relacionamento de Deus com suas criaturas sempre foi por meio de aliança, e, desse modo, sua revelação a eles tem de ser entendida não apenas como cristológica, mas também como pactual. Os elementos anteriormente mencionados não retratam totalmente o quadro, mas com certeza fornecem os componentes básicos para a compreensão das teologias natural e sobrenatural no pensamento de teólogos reformados britânicos no século 17.

## Teologia natural

É certo que teólogos cristãos nem sempre têm concordado sobre o tópico da teologia natural. Mas entre os puritanos encontramos concordância geral sobre a veracidade e, portanto, a utilidade da teologia natural quando devidamente entendida. Destacam-se várias obras desse período: *Systeme, or body of divinity* (1654), de Edward Leigh; *Life eternall* (1631), de John Preston; *The living*